

cescontexto

Desafios aos Estudos Pós-Coloniais

As Epistemologias Sul-Sul

Organização

Maria Paula Meneses

Iolanda Vasile

Nº 05

Maio de 2014

Debates

www.ces.uc.pt/cescontexto



Propriedade e Edição/Property and Edition

Centro de Estudos Sociais/Centre for Social Studies

Laboratório Associado/Associate Laboratory

Universidade de Coimbra/University of Coimbra

www.ces.uc.pt

Colégio de S. Jerónimo, Apartado 3087

3000-995 Coimbra - Portugal

E-mail: cescontexto@ces.uc.pt

Tel: +351 239 855573 Fax: +351 239 855589

Comissão Editorial/Editorial Board

Coordenação Geral/General Coordination: Sílvia Portugal

Coordenação Debates/Debates Collection Coordination: Ana Raquel Matos

ISSN 2192-908X

Agradecimentos

Este número da Cescontexto é dedicado aos trabalhos de conclusão do seminário “Introdução aos estudos pós-coloniais: as epistemologias Sul-Sul”, um curso *e-learning* de pós-graduação que organizamos na plataforma dos seminários virtuais do Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO).

Pela característica *e-learning* do seminário e pela abrangência do tema proposto, o curso possibilitou o perpassar por temas diversos, cujas principais abordagens foram a inter e a transdisciplinaridade, fatores que consideramos estruturais para transpor e traduzir ao nível do “ensino acadêmico” as visões pluriversais do mundo. O grande ganho de um curso *e-learning* é de pôr em contacto pessoas fisicamente remotas, mas que são (re)unidas por interesses académicos comuns. E este seminário é a prova viva disso. Inicialmente inscreveram-se 27 de estudantes, oriundos de 9 países (Alemanha, Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Equador e México). Entre esses, 25 participaram constantemente nas atividades do seminário e 21 concluíram o curso com aprovação, através da apresentação dum trabalho final; 13 destes trabalhos encontrando-se reunidos neste número.

Gostaríamos de estender a nossa gratidão aos/às nossos/as colegas do CLACSO, que sempre responderam prontamente aos nossos pedidos, garantindo uma ótima comunicação técnica e administrativa, nomeadamente:

Fernanda Saforcada (CLACSO/ Diretora Académica)

Alejandro Gambina (CLACSO/Assistente Rede de Pós-graduação em Ciências Sociais)

María Inés Gómez (CLACSO / Assistente Rede de Pós-graduação)

Igualmente, agradecemos a presença neste seminário de colegas de vários cantos do mundo, que estiveram connosco através de entrevistas exclusivas:

Gabriel Gatti (Professor Titular, Universidade do País Basco, Espanha)

Gilson Lazaro (Doutorando ISCTE-IUL, Professor Auxiliar, Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Agostinho Neto, Angola)

Ramón Grosfoguel (Professor Associado, Departamento de Estudos Étnicos, UC Berkeley, EUA)

Raúl LLasag Fernández (Doutorando CES Coimbra, Docente da Universidade Andina Simón Bolívar, Equador)

Raúl Mendes Fernandes (Investigador permanente e coordenador do Centro de Estudos de História e Antropologia no INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, na Guiné-Bissau). Esta entrevista foi realizada pelo colega Maurício Hashizume, cuja ajuda se revelou imprescindível.

Finalmente, uma palavra de agradecimentos às colegas coordenadoras da Cescontexto-Debates, cuja dedicação e cuidado tornaram possível esta publicação.

Este volume, que tem na sua origem o curso patrocinado pela CLACSO, apoiou-se teórica e metodologicamente, no projeto de pesquisa coordenado por Boaventura de Sousa Santos, “ALICE – Espelhos estranhos, lições imprevistas: definindo para a Europa um novo modo de partilhar as experiências do mundo”, financiado pelo Conselho Europeu para a Investigação.

Índice

Maria Paula Meneses e Iolanda Vasile

Introdução	6
------------------	---

Parte I

Capítulo 1 - *Aline Miranda Barbosa e Carlos Porto-Gonçalves*

Reflexões sobre a atual questão agrária brasileira: descolonizando o pensamento	12
---	----

Capítulo 2 - *Dasten Julián Vejar*

Precariedad laboral y neocolonialismo en Chile. Un acercamiento al estudio de la minería del cobre	28
--	----

Capítulo 3 - *Martha Moncada Paredes*

Naturaleza, culturas y territorios: lecturas paralelas entre la ecología política y el pensamiento poscolonial	44
--	----

Parte II

Capítulo 4 - *Juana Beatriz Erramuspe*

La enseñanza de la metodología de la investigación en la Universidad. Implicancias de la mirada descolonizadora	70
---	----

Capítulo 5 - *Ixkic Bastian Duarte*

Ciencia, conocimiento y movilización social en el sureste mexicano	82
--	----

Capítulo 6 - *Cláudia P. Carrión Sánchez*

Educación en Colombia y resistencia desde el Cric	92
---	----

Capítulo 7 - *Nélida B. Zubillage*

Liberar a la ciencia y sus espectros: hacia la emancipación epistémica del mundo	105
--	-----

Parte III

Capítulo 8 - *Lucrecia d'Agostino*

La refundación del Estado en América Latina: ¿un Estado, una nación, un derecho? 117

Capítulo 9 - *Manuel Cuervo Sola*

Imágenes del gaucho en la literatura Argentina. Subjetivación y política en las luchas por la construcción de la estatalidad moderna rioplatense 130

Capítulo 10 - *Elis Borde*

A subalternização das populações não-brancas no sistema-mundo capitalista/colonial e os processos de determinação social das iniquidades étnico-raciais em saúde 145

Capítulo 11 - *Tatiana Sena*

Por repúblicas do sul: repensando o republicanismo no Brasil 163

Capítulo 12 - *Germana Dalberto*

A história em confront: reinserindo o Haiti na modernidade..... 179

Capítulo 13 - *Pâmela Marconatto Marques*

Pelo direito ao grito: as narrativas silenciadas da universidade pública haitiana em busca de uma universidade nova..... 211

Introdução – Porquê este volume?

Maria Paula Meneses e Iolanda Vasile

Ao longo das últimas décadas, os estudos pós-coloniais têm dado a conhecer, através de diferentes desdobramentos teóricos e implicações políticas, formas outras de ser e de estar no mundo, diversidade esta que tem conhecido um redobrado interesse em vários contextos, dos movimentos sociais à academia, em vários locais do Sul global. Muito do que sabemos sobre o Sul global reflete ainda interpretações cujas raízes são marcadamente eurocêtricas. A persistência desta abordagem resulta particularmente visível na contínua afirmação de uma hierarquia de saberes, produzindo sociedades assumidas como mais ou desenvolvidas que outras, reproduzindo-se esta segregação hierárquica em múltiplos lugares: nas instituições, vocabulário, saberes, imagens, doutrinas, etc. Este posicionamento teórico e metodológico é a afirmação de uma única ontologia, de uma epistemologia, de uma ética, de um pensamento único e sua imposição como universal. Desde há décadas que a centralidade do Norte global, expressão monocultural de ser e estar no mundo, tem vindo a ser posta em causa. É que toda a experiência social produz e reproduz conhecimento e, ao fazê-lo, pressupõe a presença de várias epistemologias.

Procurando ampliar a discussão sobre diversidade epistemológica do mundo, e ampliando as discussões que, no Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, se têm vindo a desenvolver em torno desta temática, organizámos em 2013, com apoio do CLACSO (Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais), um curso de introdução aos estudos pós-coloniais. Este curso centrou-se nas zonas do mundo que têm sido objeto da violência colonial, desafiando as possibilidades de uma discussão sobre produção de conhecimento e as potencialidades epistémicas no Sul global.¹

Este curso revelou-se um desafio, a vários níveis: o Sul global estende-se por uma diversidade de espaços-tempo, com uma extrema diversidade de experiências e de saberes, o que obrigou a uma seleção temática que, de uma forma ou de outra, acabou por potencializar determinados temas. Porém, tornou igualmente possível dilatar os parâmetros de reflexão, ao incluir uma diversidade de posicionamentos epistémicos. De entre estes é de referir a obra de José Carlos Mariátegui que, desde os 20 do século passado, apelava à recuperação dos valores

¹ O Sul epistémico coincide parcialmente com sul geográfico. O Sul global refere-se às regiões do mundo que foram submetidos ao colonialismo europeu e que não atingiram níveis de desenvolvimento económico semelhantes ao do Norte global (Europa e América do Norte). A sobreposição não é total porque, por um lado, no interior do Norte geográfico vastos grupos sociais estiveram e estão sujeitos à dominação capitalista e colonial e, por outro lado, porque no interior do Sul geográfico houve sempre as ‘pequenas Europas’, pequenas elites locais que beneficiaram da dominação capitalista e colonial e que depois das independências a exerceram e continuam a exercer, por suas próprias mãos, contra as classes e grupos sociais subordinados.

referentes aos sistemas cultural e agrícola indígena no Peru. Já a discussão de Kwame Nkrumah sobre o neocolonialismo coloca em questão as latências coloniais associadas às transições para as independências. Igualmente a partir de uma leitura da situação colonial, a obra de Valetin Mudimbe permitiu discutir o conteúdo colonial de muitas das bibliotecas que continuamos a usar nos nossos trânsitos acadêmicos. Autores de referência como Aníbal Quijano, Boaventura de Sousa Santos, Gayatri Spivak ou Nelson Maldonado-Torres têm vindo, a partir de uma análise crítica do pensamento acadêmico eurocêntrico, a apontar como a colonialidade sobrevive ao colonialismo nas suas três formas: colonialidade do poder, do saber e do ser. A latência da colonialidade do ser através da homogeneização de concepções como ‘mulher’ e ‘terceiro mundo’ têm sido alvo de inúmeros questionamentos; cabe aqui destacar os trabalhos de Chandra Mohanty e de Amina Mama, que, potenciando uma perspectiva feminista, ampliam criticamente os conceitos de subalternidade, silenciamento, representação e terceiro-mundismo.

No seu conjunto, os estudos pós-coloniais, ao constituírem-se como um espaço crítico de análise da constituição da relação de poder-saber do moderno pensamento científico, têm vindo crescentemente a chamar a atenção para a exaustão do atual modelo político, económico, ambiental. A persistência numa leitura hegemónica, monocultural da diversidade do mundo revela que, para além das dimensões económicas e políticas, o colonialismo teve uma forte dimensão epistemológica, fraturante. O impacto da dimensão fraturante instituído pela diferença colonial permanece nos dias de hoje, assinalando a persistência de relações e interpretações coloniais que limitam as leituras sobre o ‘Sul global’, quer a nível epistémico (os ‘outros’ não sabem pensar), quer a nível ontológico (os ‘outros’ não contam). E a perda de uma autorreferência legítima não foi apenas uma perda gnosiológica, foi também, e sobretudo, uma perda ontológica: saberes inferiores exclusivos de seres inferiores, sem interesse para a ciência a não ser na qualidade de matéria-prima, de dados ou informações.

Desafiando a centralidade da macronarrativa científica moderna, ou seja, de muitos dos paradigmas em uso para produzir conhecimento científico, assentes em perspectivas e lógicas masculinas, colonizadoras, classistas, racistas e sexistas, o curso procurou avançar com pistas teóricas e metodológicas que procuraram ultrapassar a proposta monocultural do Norte global, afirmação de uma única ontologia, de uma epistemologia, de uma ética, de um pensamento único e sua imposição como universal.

Os diálogos epistémicos Sul-Sul permitiram entreabrir esta ‘caixa de Pandora’, apresentando aos estudantes referências que possibilitaram abarcar a infindável diversidade de saberes do Sul Global. Este tema (re)coloca hoje na agenda da produção do conhecimento a luta pela justiça cognitiva; não para uma reversão das relações de poder económicas e sociais, mas para sua colocação em diálogo. Esta recolocação epistémica, em contextos pós-coloniais, implica o resgate do nosso papel enquanto sujeitos da História, circunscritos ao nosso lugar e determinados enquanto tal pelas nossas experiências e realidades. O resultado desta nova proposta de modos de vida traduz-se em infindáveis situações de globalismos localizados, como Boaventura de Sousa Santos tem vindo a sugerir, ou seja uma densidade de saberes posta em diálogo, através de leituras espaciais e temporais que saibam manejar regimes de verdade, através de diálogos de saberes.

O interesse crescente por estes temas dentro da comunidade académica, mas ainda mais a necessidade de complementar o “conhecimento académico” com outros saberes, pensamento base deste curso, traduziu-se num diálogo muito rico, numa mútua aprendizagem e consciencialização das nossas ignorâncias mútuas. Procurando que os trabalhos não ficassem arrumados na gaveta do esquecimento, propusemos a organização deste volume do CEScontexto, integrando parte dos trabalhos realizados pelos estudantes. Acreditamos que os

capítulos que integram este volume comprovem o interesse e importância deste desafio; é nossa convicção que publicações desta natureza contribuem para divulgar o trabalho acadêmico produzido no/pelo CES, com especial destaque para as Epistemologias do Sul. As epistemologias do Sul, como metáfora da exclusão, do silenciamento e da destruição de povos e saberes, procuram dar voz e corpo aos saberes e experiências do Sul global, a partir de pressupostos metodológicos e reflexivos dialogantes, contrastando com qualquer proposta etnocêntrica.

O curso foi organizado em dez temas principais de trabalho, com uma aula introdutória e uma aula de encerramento, acompanhadas de vídeos que desenvolviam a temática de cada aula e de sessões semanais de chat ao vivo. Enquanto nas sessões de chat participaram somente as professoras e os estudantes, alguns vídeos foram organizados em conjunto com colegas que consideramos terem opiniões pertinentes sobre os respectivos temas. Pensamos desta maneira questionar, diversificar e enriquecer os nossos conhecimentos conjuntos. O nosso propósito foi apresentar a abrangência dos estudos pós-coloniais, através de um mapeamento cronológico que possa apresentar tanto o recuar temporal, mas também a diversidade de lugares, posições e interpretações. Consideramos importante primeiro aprofundar alguns conceitos basilares e entender que as “definições” podem não coincidir dependendo do *locus enunciativo*. A segunda parte do seminário, as sessões de chat interno e o feedback recebido dos estudantes, no seu conjunto, vieram confirmar a necessidade de aprofundamento de algumas das temáticas que mais se destacam. Assim, os trabalhos apresentados pelos estudantes são construídos a partir de reflexões localizadas de temáticas variadas, como saúde, direitos e reformas agrárias, estudos feministas, sistemas de saúde, direito, racismo ou estudos literários.

Acreditamos que os resultados deste curso, que se traduzem nos capítulos deste volume, cumprem com os objetivos do seminário, ao identificar e analisar diferentes vertentes da diversidade epistemológica do mundo e dos problemas epistemológicos, sociais e políticos, decorrentes dos choques entre o exclusivismo epistemológico da ciência e outros saberes. Num segundo momento, não menos importante, ao questionarem, numa forma ou de outra, a latência da macronarrativa eurocêntrica, estes trabalhos problematizam, de forma sofisticada, o nosso papel enquanto investigadores e o contributo e engajamento dos nossos trabalhos com as sociedades em que vivemos, num diálogo que se quer entre sujeitos sócio-históricos, e não entre sujeitos e objetos.

Este volume está organizado em três partes: a primeira inclui os capítulos que refletem sobre as lutas pela terra e os desafios ambientais; a segunda integra capítulos cujo enfoque centra-se no uso contra-hegemónico da ciência; finalmente, a terceira parte do livro integra os capítulos cuja temática privilegia as lutas pela autodeterminação, onde se incluem os desafios pelo direito à ‘sua’ versão da história, debates identitários no contexto do pluralismo jurídico, etc.

A primeira parte integra três textos e inicia-se com um capítulo escrito em coautoria, de **Aline Barbosa** e **Carlos Porto-Gonçalves**. Centrado na atual questão agrária no Brasil, o texto espelha a luta em torno dos desafios à descolonização do pensamento. A partir da distinção concetual entre *agricultura* e *agronegócio* os autores sinalizam várias práticas em uso no contexto agrário latino-americano como sendo reflexo da colonialidade do saber e do poder. Este contexto ajuda a complexificação da questão agrária, para além do problema da terra/território. A politização da identidade permite abrir um espaço onde a diferença se transforma em recurso para diálogo e garantia de reconhecimento de vozes e lutas até agora silenciadas ou subalternizadas por práticas opressoras e saberes hegemónicos. E é esta uma

pauta importante aos estudos pós-coloniais, pois a questão da terra mantém-se uma das importantes frentes de luta do século XXI, agora com outros ângulos, problemas e contextos.

Dasten Julián Vejar, no segundo capítulo, centra a sua análise no setor mineiro de cobre no Chile, mostrando a presença estrutural da dominação colonial e neocolonial nesta sociedade. Na sua proposta interventiva este autor propõe uma investigação social mais engajada com o “sindicalismo de base” e com formas e mecanismos que influíssem para uma heterogeneidade de organizações representativas das classes trabalhadoras. O desafio à permanência deste padrão de dependência neocolonial, permitirá, segundo o autor, a criação de um novo “sujeito pós-colonial do trabalho”.

No terceiro capítulo, **Martha Moncada Paredes** recorre à ecologia política e ao pensamento pós-colonial para mostrar como que as práticas coloniais se consolidaram em torno da natureza e dos seus recursos, exemplificando o seu trabalho com várias situações da América Latina. Estas práticas permitiram inicialmente a implantação do atual capitalismo sem fronteiras, permitindo a consolidação de conceitos como desenvolvimento, democracia e riqueza, que estão na base da perpetuação de múltiplas situações de desigualdade socioeconómicas no mundo. Como a autora demonstra, novos mapas de poder estão a ser desenvolvidos, sobrepondo-se em grande medida aos antigos mapas imperiais.

O texto de **Juana Beatriz Erramuspe** marca o início da segunda parte do livro. Neste quarto capítulo a autora traz ao debate o tema essencial do ensino da metodologia de investigação, enquanto disciplina instrumental. Centrando as suas reflexões na análise da experiência de cursos humanísticos de graduação nas universidades públicas em Argentina (com especial enfoque para este curso na Universidade Nacional de Luján), a autora defende novas práticas metodológicas assentes nas epistemologias do sul, capazes de darem conta da complexidade dos contextos pós-coloniais.

No quinto capítulo, **Ixkic Bastian Duarte**, a partir do contexto mexicano, examina os usos hegemónicos e contra-hegemónicos da ciência, analisando vários processos de construção de conhecimento e mobilização social. As suas reflexões, que partem da proposta das epistemologias de sul, privilegiam os saberes de comunidades campesinas e pescadoras. Estas comunidades, procurando reclamar a ‘própria voz’, estão envolvidas em estudos sobre si próprias, buscando dar voz às suas demandas e serem sujeitos das suas histórias.

Cláudia P. Carrión Sánchez, focada na Colômbia, fala-nos dos processos de implementação de um sistema de ensino no período radical liberal, caracterizado por políticas de colonialidade, que se traduzem num esforço persistente de uniformização e silenciamento das populações indígenas e dos seus saberes. Neste sexto capítulo a autora centra o estudo numa proposta inovadora – o Conselho Regional Indígena de Cauca (CRIC) – uma promessa de “educação própria” capaz de manter viva a memória duma identidade colombiana ampla e diversa.

No sétimo capítulo, **Nélida B. Zubillaga** propõe uma revisão e reinterpretção das teorias pós-coloniais, com o propósito de enfatizar a importância das epistemologias do Sul e dos saberes concebidos como fronteiriços. A partir desta posição teórica a autora sublinha a necessidade de diálogos dentro do Sul, ao mesmo tempo que questiona o papel da ciência enquanto única produtora de conhecimento válido. Este capítulo encerra com uma questão central: o papel dos intelectuais e dos produtores de conhecimento e na criação de uma nova ciência dialógica.

A última parte do livro inicia-se com um texto de **Lucrecia D’Agostino**. Neste oitavo capítulo a autora procura refletir sobre os processos de expansão democrática em curso na América Latina. A partir da noção de pluralismo jurídico busca identificar as oportunidades e os constrangimentos que se colocam à construção de estruturas legais e políticas que

reconheçam a heterogeneidade interna dos Estados, sem abandonar as reivindicações de soberania popular e unidade política centrais aos Estados modernos.

No capítulo nono, de **Manuel Cuervo Sola**, o autor apresenta-nos um estudo focado em vários projetos políticos que, na Argentina, levaram à consolidação de formações estatais modernas na região do Rio da Plata e ao auto-empoderamento de grupos subalternos, através de um processo revolucionário. A centralidade da figura do gaúcho neste processo é analisada a partir de um conjunto de obras literárias que mostram as diversas representações do mesmo, e a dupla estrutura de governabilidade presente na sociedade rioplatense.

Elis Borde, no capítulo décimo, busca traçar o mapa das desigualdades étnico-raciais em saúde no Brasil, desigualdades que naturalizam processos de subalternização. A autora mostra como, através do mito da “democracia racial”, o Estado brasileiro reproduz as condições da perpetuação da violência racial. Num contexto pós-colonial, este processo assenta e recorre à amnésia sobre processos históricos centrais ao Brasil para (re)produzirem processos de subalternização antigos, que permitem manter a naturalização das desigualdades étnico-raciais e o encobrimento das mesmas.

No capítulo décimo primeiro, de **Tatiana Sena**, a autora discute, a partir de Koselleck, a “dualidade antitética” da formação política brasileira, repensando o republicanismo enquanto conceito não-igualitário e raramente criticamente abordado, no qual igualmente subjaz o seu passado escravista. Este estudo histórico do Brasil como república, inovador pela abordagem interdisciplinar – que combina documentação histórica e textos literários – permite analisar os processos atuais de neocolonialismo ou colonialismo interno, assim como perceber os conflitos sociais emergentes no país.

O livro encerra com dois capítulos sobre o Haiti. No capítulo décimo segundo, **Germana Dalberto** procede à análise do discurso das relações de colonialidade que permanecem no Haiti contemporâneo, e das lutas de resistência contra o colonialismo, intencionalmente ocultadas pelas macronarrativas históricas. Este trabalho desenrola-se a partir de um apanhado histórico da colonização no Haiti e das narrativas coloniais que encontraram continuidade no período pós-revolução, assegurando a manutenção de um silenciamento quase consciente sobre a latência das relações de colonialidade.

No último capítulo, décimo terceiro, **Pâmela Marconatto Marques** analisa a Universidade do Estado de Haiti. Depois de pontuar vários aspetos da historiografia haitiana, a autora desvela as fórmulas de silenciamento que estão a ser postas em prática quer por discursos oficiais quer pelas práticas de organizações internacionais a funcionar no país. Este silenciamento, parte de “uma razão colonial” busca justificar e legitimar a presença de expatriados. Em paralelo, o Haiti real perde cada vez mais espaço nesse cenário inventado e reproduzido hermeticamente, a ponto de se tornar imperiosa a divulgação de outras versões sobre o Haiti, como a autora busca realizar.

No seu conjunto estes capítulos são uma amostra da riqueza de discussões que o curso permitiu. Estamos certas que as reflexões que estes capítulos encerram representam uma contribuição importante aos debates pós-coloniais, debates estes que são cada dia mais necessários e que igualmente deveriam ter mais consciência do seu peso potencialmente transformador.